

EDITORIAL

A pesquisa divulgada pelo Indicador de Analfabetismo Funcional, nos primeiros dias de maio do corrente ano, com dados referentes a 2024, aponta que três em cada dez brasileiros e brasileiras não compreendem suficientemente — ou o fazem com dificuldades — desde o sentido das palavras, passando por enunciados simples, até números. Na segunda década do século XXI, quase um terço da nossa gente — a referida pesquisa apresenta o número de 29% — permanece em situação próxima àquela tematizada, na década de 1930, por Graciliano Ramos, em Vidas Secas. Políticas educacionais descontinuadas, baixos salários e desprestígio dos professores e professoras — acentuado no governo de Jair Messias Bolsonaro —, além da precariedade na infraestrutura das escolas, foram evidenciados durante a pandemia de covid-19, quando o chamado ensino remoto emergencial foi implementado para manter, minimamente, as atividades didático-pedagógicas. Esse cenário é agravado por fatores estruturais que marcam a sociedade brasileira. A despeito dos esforços de governos progressistas para ampliar as políticas sociais inclusivas, permanecem as disparidades de renda, a precarização do trabalho e as dificuldades de acesso aos bens culturais. Como consequência, em boa monta, há um ciclo de fragilidade formativa que condena segmentos das classes populares ao silenciamento e aos óbices para acionar as variáveis da linguagem. Certamente, o termo analfabetismo possui desdobramentos diversos. Há o analfabetismo funcional — foco da pesquisa mencionada —, que pode ocorrer em níveis absoluto ou rudimentar, mas ele também se explicita entre os alfabetizados, independentemente de diplomas, honrarias e títulos de proficiência. Afinal, o analfabetismo político, por exemplo, circula por diversos grupos sociais e econômicos, manifestando-se em preconceitos, elitismo classista, recusa à alteridade e ao acolhimento das diferenças. Essa circunstância cria terreno fértil para a disseminação da retórica autoritária, cada vez mais assentada em slogans e jargões — autênticas gangrenas dos significados —, “pelo qual se retira da linguagem o caráter de aventura (e uma linguagem viva é a maior aventura de que o cérebro humano é capaz)”¹. Entender o papel da comunicação e seus mecanismos de intervenção e ativação de propostas, visando a alterar a referida estabilidade nos índices de analfabetismo, segundo as variações acima indicadas, contribuindo para a melhoria dos fazeres educativos formais, informais e não formais, tem sido um dos propósitos da nossa Revista ao longo de suas três décadas de existência.

Os textos reunidos nesta edição abordam, sob diferentes ângulos, as interfaces comunicativo-educativas, lançando olhar especioso acerca das questões envolvendo a alfabetização midiática, a educomunicação, as literacias, sempre no intuito de compreender o papel mais amplo dos meios de comunicação e informação na sociedade contemporânea. Entre os artigos nacionais, encontram-se dez contribuições que possuem, em muitos casos, diálogos internos, a exemplo do material dedicado às estratégias educacionais para enfrentar os desafios pedagógicos interpostos du-

1. STEINER, George. **Linguagem e silêncio**: ensaio sobre a crise da palavra. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 134.

rante a pandemia de covid-19, por sua vez conectado à reflexão em torno das tecnologias acionadas ao longo da crise sanitária e explicitado na resenha feita ao livro Educomunicação no contexto pandêmico. Ou, ainda, a relação de proximidade entre os textos com os títulos: Permanência, abandono e retorno à EJA: estudo em um colégio social no Vale do Sinos/RS e Cidadania digital e EJA: análise qualitativa da ausência de educação midiática em contextos periféricos. E mesmo nos diálogos internos entre O estágio curricular em jornalismo no contexto de plataformização do trabalho e Uma Só Globo: engajamento e conhecimento na plataformização da empresa de comunicação.

As questões envolvendo letramento midiático, educação e alfabetização midiática, ações educacionais, direito à comunicação, problemas gerados pela presença das empresas de tecnologia nas propostas a serem implementadas em salas de aula são abordadas em muitas das reflexões deste número da Comunicação & Educação, permitindo que sejam esclarecidas linhas de pesquisa em exercício no nosso campo de trabalho. O artigo internacional, assinado pela Profa. Dra. Simona Tirocchi, do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Universidade de Turim, Itália, com importantes pesquisas em Letramento Digital e Educação Crítica para os Meios de Comunicação, adiciona contribuição atualíssima acerca da violência — em particular contra as mulheres — facilitada por operações com inteligência artificial. E desenvolve a ideia segundo a qual o desenvolvimento das tecnologias digitais (Web 2.0, mídias sociais, plataformas digitais) e da inteligência artificial está facilitando o surgimento de novas formas para a difusão da violência, às vezes mais insidiosas do que as manifestas nas mídias tradicionais. A autora defende a ideia de que, para enfrentar esse novo ecossistema representado pelo espalhamento dos chatbots, é imperativo aprofundar as estratégias de educação midiática. A entrevista desta edição foi realizada com o professor do Departamento de Jornalismo da ECA/USP, Dennis de Oliveira. Aliado ao seu trabalho docente e de pesquisa, o docente exerce militância junto às questões étnico-raciais, das minorias e do racismo estrutural existente na sociedade brasileira. Os dois textos incluídos no segmento das resenhas estão voltados, respectivamente, um ao já consignado livro Educação no contexto pandêmico, e o outro apresenta instigante aproximação entre dois aclamados filmes, O Trem Italiano da Felicidade e Túmulo dos Vagalumes, reunidos sob o eixo temático crianças e guerra. A seção de poesia oferece um giro pela produção poética visual brasileira do período modernista. Como já é habitual em nossa revista, a Profa. Dra. Ruth Ribas Itacarambi elabora um conjunto de atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula, a partir dos textos ora postos em circulação.

Boa leitura!

Os editores